

- Capella, Juli y Larrea, Quim (1995), "El laberinto de los objetos", *El País, Babelia*, 10 de junio de 1995, pp. 20-21.
- Dormer, Peter (1993), *El diseño desde 1945*. Thames & Hudson Ed. y Ed. Destino, Londres-Barcelona, pp. 106-107.
- Durán-Lóriga, Miguel (1990), *El significado del diseño*. Conferencia dada en el Círculo de Bellas Artes de Madrid en abril de 1990. Miguel Durán-Lóriga, arquitecto y diseñador industrial, fue director de la Escuela Experimental de Diseño de Madrid.
- Gómez-Senent, Eliseo (1986), *Diseño Industrial*. Departamento de Ingeniería Mecánica y de Materiales de la Escuela Técnica Superior de Ingenieros Industriales, Universidad Politécnica de Valencia, Valencia.
- Mañá, Jordi (1982), "Situación actual del diseño", *Diseño, Diseño*, Madrid, pp. 41-42.
- Navarro Saldaña, Alfredo (2001), "Introducción al concepto de diseño o cultura del proyecto en el mundo contemporáneo". En *Lenguajes, comunicación y técnicas. Jornadas de Formación del Profesorado*. Consejería de Educación del Gobierno de Cantabria, Santander; pp. 159-162.
- Rey García, Fernando (1988), "El diseño en la Historia del Arte", *Ciencias Sociales*, 36, Grupo Anaya, Madrid.

**Alfredo Navarro Saldaña.** Doctor en Historia, Universidad de Cantabria, Licenciado en Filosofía y Letras, Universidad de Valladolid. Profesor, Escuela Superior de Arte del Principado de Asturias y Universidad de Oviedo.

## Pedagogia Visual e Educação da Memória

Maria do Céu Diel de Oliveira

Ò Cristianissimo, ò felicissimo Rei Francisco, estes são os tesouros, e as riquezas da eloquência, que o servo de sua Majestade, Giulio Camillo, lhe prepara.

Estas são as vias pelas quais ascendera à imortalidade. Por elas, não somente na empresa latina poderá chegar à tanta altura, que os outros Reis do mundo perderão a vista, se quiserem olha-lo de cima; mas ainda as musas francesas poderão, por estes ornamentos, andar a par com as Romanas e Gregas. Viva mais feliz a sua grandeza, que, se alguma coisa faltava nos ornamentos de seu engenho, a grande estrutura com que lhe aparelho, certamente a trará.

E porque na grande estrutura de meu teatro esta disposto, em locais e em imagens, todo o necessário para fornecer todos os conceitos humanos as coisas que estão em todo mundo e não menos aquelas que pertencem à todas as ciências, e às artes nobres e mecânicas.

(Dve trattati dell'Eccellentissimo M. Ivlio Camillo: L'vno delle materia che possono venir sotto lo stile dell'eloquente. L'altro della imitatione. In Vinegia apresso Paolo Gherardo, Vinegia, Bibl. Marciana 192D.392.1 p.36 e 37a.)

### Introdução e histórico da pesquisa

Desde 1998 conduzo meus estudos acadêmicos e artísticos pela *ars memoriam* quando, guiada por Dante, Virgilio, Blake e Peter Greenaway, desdobrei da tese de Doutorado tantos outros textos, pinturas, fotografias, vídeos e desenhos, nascidos nas sombras e luzes de locais e encontros memoráveis. Justo agora, enquanto entro em reminiscência e escrevo, estas ressonâncias assombam e despedaçam as imagens dos lugares por onde andei, em minha pesquisa de pós doutorado: Castello di San Giorgio em Mântova, a casa de Mantegna, a Biblioteca Ariosteia, a Sinagoga e o Cemitério de Ferrara, a Biblioteca Nacional e o Petit Palais em Paris. Mas para chegar

a estes lugares meu pensamento trouxe-me subitamente as longas horas de trem, as plataformas distantes, os rios quentes de verão, as ruas estreitas das cidades antigas que se abrem em pontes, nos montes de terra e areia galgados para vislumbrar por detrás de muros de velhas fábricas, avenidas e suas vitrines brilhantes e imundícies entre pedintes e passantes. Enquanto percorro os caminhos para as livrarias, museus e *pallazzi*, os olhos saltavam para as árvores secas do inverno, as flores incontroláveis nos canteiros das estradas, a *vendemmia* do outono e o vento úmido do inverno na montanha. Passavam rápido também os rostos de muitas pessoas, das bibliotecárias, dos porteiros de hotel, dos livreiros e dos bilheteiros de trem, que se misturam aos retratos dos museus, do Capodimonte ou do Louvre. Os rostos borrados daqueles que estavam nos aeroportos, nos terminais de ônibus e nos cafés, nos inúmeros cafés que entrei para fugir do vento ou do calor que emanava dos calçamentos no verão da Europa. Vejo rostos de frente enquanto caminho, salto ou voo na bicicleta emprestada, de baixo para cima quando encolho-me nos degraus de igrejas e templos desproporcionais ou do alto, enquanto olho pela janela dos museus para ver as multidões moverem-se no feriado na avenida logo abaixo, nas filas e paradas militares. Todas estas centenas de cabeças também habitam esta paisagem da memória e caminham comigo enquanto folheio manuscritos de Ariosto, leio as lápides do cemitério judeu, bafejo vapor morno as mãos geladas enfiadas no casaco pesado e pouco adequado ou quando refreio o passo aqui e ali para apoiar-me numa coluna ou muro de ponte, para desenhar e fotografar. Rostos, vozes, línguas, sotaques, hálitos, cheiros e formas de letras, texturas de papéis e indicações velozes de metrô e trem... tentando concentrar-me para não perder as indicações, girar a direita e a esquerda, *sinistra, destra, terzo piano, prima porta...*

Em Portugal, sou desafiada pelo Minho que os romanos pensavam ser o Lete, o rio do esquecimento... Tenho vontade de molhar partes de meu corpo no rio escuríssimo, coisas que o corpo deveria esquecer e me avizinhar das margens, que respingam óleo e espuma suja, na vertigem da vida. Às suas margens rememoro as casas ou ropretanas de balcões azuis e alamedas cinzentas, onde

vultos assombrados entram e saem de portas de maçanetas de vidro e latão, igrejas jesuítas de azulejos perfeitamente ajustados, repletos de sagas pintadas. Vejo as marcas das enchentes deixadas nas paredes descoloradas, o perfeito assentamento das pedras nas calçadas, os pórticos das catedrais com santos de três dedos, os estandartes farfalhantes das ruas em festa e o museu do traje e da ourivesaria, onde repousam em veludo negro os brincos filigranados das noivas portuguesas.

Em Paris, no isolamento doce e convidativo do ateliê de restauro de livros, pude finalmente sentar-me, mas quando folheei os concertos de Monteverdi, levanto-me para cantarolar algumas árias... para acalmar-me faço café, enquanto minha amiga termina o segundo volume das pinturas/fotografias que tenho feito desde então... Caminho entre pilhas de livros prensados, colados, raspados, em busca da cura e do toque. Os restauradores sorriem compreensivos e eu me sinto como uma criança entre cristais empilhados, entre mesas de vidro e louça branca. Os rostos colavam-se nas letras e quase conseguia distinguir entre cada palavra a face que lhe convinha.

Também recorro dos objetos: muros cobertos de cartazes de cinema, cortinas de veludo, coleções de armaduras, escadas simétricas de mármore gasto, vitrines com ampulhetas e espelhos convexos, cadernos de capa mole, talões de bilhetes para diferentes meios de transporte, tapeçarias, xícaras bordejadas de dourado e azul, leques de sândalo e latas de peixe marinado. Os objetos pesados quase não deixaram imagens, de tão pesados que fossem são agora tão leves: correntes de bicicletas, pacotes de livros, sacos de laranja, escadas de madeira, malas e caixas, metros de papel e cestos de corda. Pensamentos também pesavam: como os que me acometiam enquanto estudava ou pintava, enquanto ouvia as vozes entrecortadas da família e amigos ao telefone, os problemas e receios que nasciam durante a noite no país dos pesadelos para despertarem-me de dia, revigorados. E o carinho que sobrepunha tudo, dos amigos no Brasil e na Itália em forma de vozes conhecidas, dos desabafos e da elegância.

De tudo isto eu gostaria de falar enquanto escrevo, como se cada palavra pudesse girar entorno de si e desenhasse uma geometria translúcida, onde o que está em cima ou embaixo colorisse o rodopio dos corpos em agitação, das coisas pingadas aqui e ali, deixadas, divididas, entendidas ou sussurradas. Porém as palavras foram perdendo a inocência e sentido e eu teria que juntar tantas para me fazer entender e ainda seria pouco para o que vi e senti. Mas houve também o silêncio.

### Um histórico

Esta pesquisa é a continuidade de estudos realizados durante o pós doutorado realizado na Universidade Estadual de Campinas e na Università degli Studi di L'Aquila, durante o ano acadêmico de 2006 e buscou desenhar a relação entre a arte contemporânea e a Retórica, através de uma pedagogia visual calcada na *Ars Memoriam*, ou a Arte da Memória cuja lenda de origem remete à Simônides e ao banquete em honra ao lutador Scopas. Assim, a arte da memória, aliada às imagens de afrescos, retábulos, monumentos, cidades, tratados e livros buscou cultivar a memória artificial, onde se in-

filtrou a Retórica, nos tratados de Santo Agostinho, Santo Alberto Magno e Santo Ignácio de Loyola, para citar apenas os mais publicados doutores da Igreja. Também foram aprofundados os estudos sobre Fisiognomia, Paisagismo e Museologia, traçando suas origens e inter-relações. Assim, auxiliada pela didática da imagem e dos textos fundadores –também uma escolha estética e política da Igreja e dos poderes laicos– tratei de relacionar estes *loci* encontrados na Itália, França e Portugal com a história da arte e a pedagogia. Também segui os “rastros” de autores que estudaram e sistematizaram a arte da memória, como Giordano Bruno, Della Porta, Ficino e Giulio Delmino Camillo, que conheci através dos estudos de Milton José de Almeida. Não somente estudos bibliográficos, mas também visitas em locais, cidades e lugares, onde as manifestações “imaginais” da didática visual estão presentes. Daí a característica deambulatória da pesquisa, que me levou a conhecer determinadas manifestações arquitetônicas e pictóricas, ligadas à história política dos regentes de determinados períodos históricos.

Portanto, foi importantíssimo estar em contato com o Corso di Geografia dell'Università degli Studi di L'Aquila, mais precisamente no Dipartimento di Culture Compare e no Cartolab, coordenado pelo Prof. Dr. Angelo Turco, estudioso do território, dos limites entre cultura e aculturação e que hospeda em seu grupo de pesquisa estudiosos de teatro, pintura, geografia, física e dança. Ao apresentar meu projeto de pesquisa, o Prof. Turco interessou-se de imediato e encarregou-me de traçar este limite entre descrição, paisagem, território e arte, tarefa na qual me aplico na escritura de um artigo em vias de publicação.

Em 2007 tive contato com o Prof. Dr. Carlo Severi, no College de France, que amavelmente ouviu a pesquisa e ofereceu seu mais recente livro publicado, *Le Principe de la Chimère*, que já estou utilizando em minha disciplina de pós graduação, *Machina Memorialis*, na EBA-UFGM.

Como a pesquisa demandaria muitíssimo mais tempo de trabalho, além da necessidade de uma bolsa pós doutoral –o que não aconteceu– tratei de limitar os *loci*, sendo eles o Castel San Giorgio e a Casa de Andrea Mantegna em Mântova e o Palazzo Schifanoia em Ferrara. Nestes dois locais da memória, por assim dizer, tentei encontrar um elo entre os estudos teóricos e a prática da pintura e do afresco, sob a égide da *ars memoriam*.

Porém, os estudos caminharam também para outras vias, como a história dos pintores copistas do século XVII, a invenção do quadro e a arte holandesa, a relação de força entre pintura, origem e influência, literatura e origem das Academias de Belas Artes e o nascimento do aprendizado da sombra e da luz nas representações visuais da pintura e do desenho.

A perspectiva também foi estudada, como veículo de didatização visual nos Teatros Olímpicos de Vicenza e Sabionetta, no quarto e nos armários de maravilhas de Isabella D'Este, na Camara degli sposi, ou Câmara Picta de Mantegna.

A cabeça do homem é redonda e compara-se à esfera celeste; seus olhos brilham como duas luzes no céu; sete orifícios a adornam, harmoniosos como as sete estrelas; o

peito, onde habitam a respiração e a tosse, è semelhante a atmosfera, onde nascem os ventos e as tempestades; o ventre recebe todos os líquidos, como o mar recebe todos os rios; os pés recebem todo o peso do corpo como a terra; o homem recebe a visão do fogo celeste, a audição do ar superior, o olfato do ar inferior, o paladar da água, o tato da terra; a dureza de seus ossos obtém da pedra, a força das arvores vive em suas unhas, a beleza das arvores está em seu cabelo. (Honoris d'Autun, Sec. XII).

### Percursos

Como Carlo Guinsburg, prefiro as pegadas que o fio do tempo. Nas pegadas estão as hesitações, as indecisões, o esquecimento e a desilusão. Mas também estão as forças determinantes, o aprofundamento nas certezas, a velocidade e a direção certa. Não desprezo esta linha, que deu forças a Teseu. Nela dependuram-se mitos e alegorias, mas também as certezas cartoriais da História. Porém, percebo que nos rastros dos objetos e acontecimentos, nas sombras fugazes das palavras e nos textos iniciais estão vestígios fundadores, mitos de origem. Volto por elas –as pegadas– e torno a ver, acima e abaixo do horizonte, imagens e palavras que re-visito e despedaço, buscando entre as brechas novos acontecimentos, talvez percebidos em meus olhos de outros tempos. Difícil recordar com aqueles olhos, mas certas imagens não nos abandonam mais. Então, convivo com as coincidências, os ritmos binários, as inconclusões, as projeções e os desejos. E volto aos territórios já conhecidos e misteriosos, que revelam outros, ocultos e, no entanto, tão próximos.

Eram minhas próprias pegadas que eu segui na pesquisa de pós-doutorado, entre Brasil e Itália, entre Campinas, Vasto, L'Aquila e Belo Horizonte. Vestígios nítidos eram quase impressões indeléveis. Não precisei perder-me tanto em mim mesma. Sabia da familiaridade de bibliotecas, museus, paisagens e estradas, cidades ocultas e encantadas. No caminho, reencontrei a Biblioteca Marciana em Veneza precedida dos atlantes enegrecidos de fumo e tempo, Vicenza, Padova, Rio de Janeiro, Ouro Preto e mais recentemente Mântova e L'Aquila. Reconheci a *imitatio* nos afrescos de Andrea Mantegna na Câmara degli Sposi, quando o pintor utiliza-se de moedas e medalhas para pintar os perfis da família D'Este e Gonzaga. Em sua casa, distante do castelo onde trabalhava para a corte, mandou gravar no alto do pórtico do pátio interno: *Ad Olympus* e os olhos imediatamente se ergueram para a abertura circular que mostra o céu e a morada dos deuses... o pintor que pintava *alla antica*, consagrava-se para o tempo: (uma revelação mostrava outra... das 475 salas do Castelo chego ao *studiolo* de Isabella D'Este, que encomendou pinturas das alegorias e deuses em ação em telas e afrescos, os vícios sendo expulsos do jardim das virtudes. E nas pinturas reconheço a Prudência, a Justiça, a Fortaleza, o Amor sacro e o Profano, a Preguiça, o Ódio, os Sátiros e tantos outros mitos e alegorias. Mas também havia o pentagrama pintado nas paredes do *studiolo*.

Este é o momento inicial da pesquisa, que se desdobrou com a cópia, a imitação, o convencimento e a criação de um mito de aristocracia e genealogia. Enquanto ia e voltava do Castelo à Casa de Mantegna, orientando-me

pelas praças, pela passagem forte em frente à igreja de Sant'Andrea de Alberti, pela larga avenida junto à estação, procurava sinais deixados nas pegadas, as quais não tinha reconhecido.

Neste momento deste dia e que repetiu-se por outros dias, ocorreu-me o quanto estava “dentro” deste cenário. Sentia-me como uma viajante sempre no passado, lendo um manuscrito que desaparecia no presente... Precisava concentrar-me a cada passo, cheia de volúpia e olhos atentos a cada detalhe. As máscaras que decoravam as colunas, os *decorum* risinhos, as janelas ocas de vidro fosco pareciam ver-me por dentro. Era como uma roleta italiana, tudo parecia advir de um golpe de sorte. Não podia ter certeza se os caminhos da pesquisa nasciam no desenho, na pintura, no texto ou nas traduções.

Enquanto caminhava, sentia miniaturizar-me até chegar à escala mais delicada. Era como um jogo, um carteador onde arriscava a cada passo enganar-me e sobrepor o sutil enredo de linhas com imagens equivocadas. E surgiram os Tarots.

Jogo advinhatório de perguntas e respostas, as imagens do Tarot que comecei a realizar partiam dos lugares onde estive. São paisagens e territórios, visões e rememorações, às quais eu acrescentava outros, colando, esfregando e destruindo, fotografando e filmando e por fim, temperando com pintura, a têmpera. Assim, forjei o caráter destas imagens e pareceu-me que assim reunia no espaço e no tempo da fatura os inúmeros sobressaltos que me acometiam. Eu também participava deste cenário, de estupor e confusão. São diversos os Tarots onde protagonizo o assombro diante das descobertas cotidianas. Faço-me pintar diante dos pórticos, nos *cortile* dos museus, frente aos lagos congelados de espelho entre montanhas, em meio a multidão que se ajustava a uma fila de museu, dentro das casas acolhedoras ou assombradas de tantas pessoas que conheci. Juntava a isto os afetos, as amizades e a indiferença e o cansaço que arrefecia a velocidade. As pinturas criavam outras perguntas e um sem-fim de possibilidades e via-me cercando de corredores que abriam-se e fechavam-se para outros quartos e compartimentos secretos, onde armários de maravilhas abriam-se sozinhos à minha passagem. Nada se assemelhava a colar e pintar o que trazia de fora de meu corpo para dentro da memória, tudo parecia já existir em outro lugar que não aquele da pintura.

Realizei quase 70 imagens onde habitavam os lugares, coisas e vozes sentidas nas viagens entre Itália e Brasil: cada pintura ou carta de Tarot respondia a si mesma e escondia mistérios dentro de outros. Lápides, faróis, monumentos, objetos e acúmulos de coisas nas ruas, janelas, curvas de estrada. Respostas? Outro texto, mais um livro descoberto, mais um afresco abriam mais cartas no baralho espalhado pelo chão da casa. E as pinturas sucediam-se assim: a cidade equilibrada na montanha fotografada contra um céu de outono pensava em sua “outra” que reinava logo acima, cujos alicerces nasciam nos céus; dois anjos de asas pesadas fundem seus corpos e sopram trombetas do Juízo, a maçaneta de bronze de uma porta alta de madeira sela meu destino, os anúncios fúnebres colados às paredes falando de dor e inexorabilidade, olhava para meu corpo duplo que saía de uma das diversas portas do teatro napolitano e

para além do forro de gesso dourado, minha alma “es-corria” e desaparecia por ruas tortas e úmidas. As Três Graças pintadas a partir de uma antiga fachada em Campinas têm o olhar envesgado e sorriem em três direções impossíveis, a Madona no altar português exhibe suas unhas longuíssimas e douradas, que pendem até o chão, enquanto o manto translúcido cobre o corpo indefinido. Outras e outras, com suas filhas e avós, um cortejo que fui obrigada a interromper por agora e que repousa em dois volumes de pele, escrínios sonhados e feitos em um *relieur* de Paris.

Entretanto, não são apenas lugares que figuram nos Tarots. Livros e textos têm suas reverberações pintadas sobre papel, como quando em Veneza, encontro na livraria Toletta a edição fac-similar dos desenhos de Piero della Francesca para os cálculos de Arquimedes. Agarro ávida a edição delicada e passo os dedos como a buscar a textura dos tipos. Na escrita de Piero e nos desenhos que margeavam os escritos matemáticos, vislumbrei origem da Perspectiva e da pedagogia visual: estava assombrada. Decidi construir um teatro da memória, um castelo com minhas cartas de Tarot, edificando um palácio de papel e espanto.

Imprimir em grande formato os Tarots e fixei por todo o caminho do corpo: na casa abandonada com um poço aberto no pátio coleí e fotografei as três Graças de Campinas, na porta azul próxima do café e da peixaria de Vasto fixei os anjos da Catedral, nos muros pétreos de Matera, a cidade branca, colo dobradiças, maçanetas e sombras no oceano. As pedras foscas de Viana do Castelo sustentam a mão de bronze de uma porta em Braga (ou seria em Paris?), as portas de madeira verde recebem uma lápide portuguesa que se duplica em outra italiana, brasileira, velha, nova. As cartas jogam comigo e trocam de lugar, exigentes. Cabe a mim entrar em reminiscência e nomear suas origens, como se isto fosse real ou verdadeiro. Empilhadas na vertigem dos dias, invocadas quando delas necessito, passam grande parte dos dias aguardando um chamado.

Meu palácio de cartas continuará num projeto imaginal: centenas de alegorias abrirão os caminhos debaixo de viadutos, de mercados a céu aberto. Mascaradas, *decorum* e monumentos fúnebres sustentarão pilotis de elevados e olharão uns aos outros em muros e paredes ao sol, as imagens visitadas e revisitadas que originaram um jogo de descobertas ainda por fazer estarão em toda parte e agirão conforme suas designações e destinos, desenhando um assoalho de reminiscências e enigmas, como no primeiro grau do Teatro de Camillo, o grau dos Planetas, Anjos e Sefirot, do Banquete, o mais próximo do conhecimento absoluto Em lugares vívidos e lembrados na Itália, em Portugal, no Brasil figurarão as imagens agentes que –fotografadas, rasgadas, lavadas e temperadas– traçarão o percurso infinito e exaustivo de um corpo que caminha na velocidade da existência.

### Considerações e relações da pesquisa atual: um exemplo de estudo

Um dos estudos que realizo atualmente é uma aproximação entre dois portais, um catálogo e uma igreja. O primeiro portal que abriremos aqui é a página de rosto de

um livro considerado como o primeiro catálogo de exposição impresso. Trata-se do *Theatrum Pictorium*, idealizado por David Teniers, publicado em 1660, comissionado a dois pintores da corte do Arquiduque Leopoldo da Áustria, Franz von Stampart e Anton Joseph von Prenner para celebrar a imensa e valiosa coleção de arte do Duque, que incluía entre as aproximadamente mil e trezentas pinturas Holbein, Pieter Bruegel o Velho, Van Eyck, Rafael, Giorgione, Veronese e 15 pinturas de Tiziano.

Teniers foi o curador desta coleção e encarregado de copiar as pinturas em suas cores e dimensões naturais e de coordenar um grupo de 12 gravadores que eternizassem as pinturas em gravuras em metal para que a coleção sobrevivesse ao Arquiduque, morto em 1665. O próprio Teniers gravou cerca de 243 estampas, entre pinturas originais da coleção e suas cópias a óleo das pinturas.

O *Theatrum Pictorium* é um fólio que contém reproduções de pinturas, esculturas de outros objetos de arte da coleção do Arquiduque. O livro abre com a imagem de uma porta fechada, encimada pela figura do Arquiduque, emoldurado por um florão, ladeado pelos gravadores que cuidaram da edição. As portas estão fechadas, mas ladeando as “paredes” da página de rosto estão algumas das pinturas e já se pode perceber o que virá. O catálogo se abre e as pinturas são gravadas uma ao lado da outra, empilhadas em cada página, entre elas os comentários de cada pintura, também gravados. Muitas das pinturas estão invertidas, os personagens do lado esquerdo estão no direito e vice versa, e figuram as cópias interpretadas de Teniers das pinturas de conteúdo hermético da coleção, como os Três Sábios de Giorgione, além de Diana e Acteão de Tiziano, invertidos as posições e “repintadas” as paisagens de “fundo”.

O segundo pórtico que abro é a portada da Igreja de São Francisco, em Ouro Preto, Construção iniciada em 1766, pela Ordem Terceira de São Francisco de Assis, a primeira ordem criada em Ouro Preto, obra de Aleijadinho, que assina o projeto e o risco da portada.

Em seu interior, além do teto pintado por Manuel de Atayde, figuram imagens de Santo Ivo, São Conrado, São Boaventura, Santo Antonio de Pádua e outros santos. Abrindo este livro da Igreja ou os portais da igreja de São Francisco, “leio” o altar como uma representação ou ilustração dos poderes laicos, aristocráticos, religiosos, jurídicos e piedosos da iconografia franciscana que fundamentaram a existência da Igreja na cidade nascida do extrativismo de ouro e preciosidades.

Apresento estes santos através de suas histórias de vida. São Ivo foi sacerdote da Ordem Terceira, nasceu em 1263 e faleceu em 1303 na Bretanha, França. Desde sua canonização em 1347, sua tumba se converteu em lugar de peregrinação. Estudou em Orleans e Paris e doutorou-se em Teologia e Direito. Ordenou-se sacerdote e foi Juiz Eclesiástico da Diocese de Rennes, porém renunciou ao cargo para dedicar-se aos pobres, sendo chamado advogado dos pobres. Não é só patrono dos bretões, é padroeiro dos advogados, professores de direito, juizes, notários e de todos que trabalham em tribunais. Pode ser representado como advogado ou sacerdote. No primeiro caso, veste a túnica talar ou a toga aberta na frente e barrete; no segundo, sobrepele e estola. Seus atributos são: o lírio, um rolo de papel ou livro na mão, uma

bolsa de documentos e um mendigo ou um grupo deles junto ao santo. Também pode ter uma pena com tinteiro e uma pomba sobre a cabeça. Ocasionalmente tem as vestes salpicadas de arminho e um processo enrolado na mão. Como atributos têm um pobre ao lado de mãos vazias e um rico do outro, com uma bolsa, tentando-o. Outro atributo é a balança, símbolo alusivo à justiça.

São Luis Rei de França ou Luiz IX nasceu em Poissy, em 1215 e faleceu em 1270 e foi canonizado por Bonifácio VIII em 1297. Foi educado rigidamente por sua mãe, Branca de Castela. São Luis personificou os mais altos ideais de um governante cristão medieval. Sua vida, escrita por João de Joinville, é um dos documentos mais extasiantes da idade média. O feito de Luis IX que é considerado mais marcante foi ter chefiado duas cruzadas ao Oriente, uma em 1248 e outra em 1250, quando foi aprisionado. Retornou à França após seis anos de ausência e em 1270, mobilizou outro exército, mas oito semanas depois da partida morreu em Túnis. Em sua iconografia, São Luis é representado com vasta cabeleira e bigodes e possui a indumentária real sobre o hábito franciscano curto e com cordão. Possui coroa real e cetro, atributos de sua hierarquia. Possui também nas mãos a coroa de espinhos de Cristo e três cravos. Isto porque, segundo Le Goff:

Luis completa com grandes despesas sua coleção de relíquias da Paixão. Em 1241, adquire uma parte da verdadeira Cruz, a santa esponja, com a qual cruéis carrascos deram vinagre a Jesus crucificado e o ferro da santa lança, qual a qual Longino lhe atravessou o flanco. (...) Às relíquias da Paixão, à coroa de Cristo, era preciso que uma igreja fosse um relicário glorioso, um palácio digno do Senhor. Luis fez então construir uma nova capela, aquela à qual ficou ligado o nome simples de Saint Chapelle, que designa capelas palatinas. Na verdade, a Saint Chapelle foi pela vontade de Luiz simultaneamente um monumental relicário e um santuário real. Luis nunca perdeu uma ocasião de associar a glória do rei à de Deus. (Le Goff, Jacques: São Luis. Record, Rio de Janeiro, 1999).

São Luis é patrono de Paris. Seu culto foi aprovado desde o século XIV, mas foi no século XVII que São Luis converteu-se no patrono da monarquia francesa, adotando seu culto um caráter dinástico e nacional ao mesmo tempo. Foi costume, nos tempos monárquicos, representar Luis com as feições do rei do momento. É padroeiro dos barbeiros e fabricantes de perucas, por raspar a barba antes de ir às Cruzadas e andar sempre bem penteado.

Em Ouro Preto está entronizado ao lado de Santa Isabel de Portugal.

João Fidanza, nasceu no ano de 1217, nove anos antes da morte de São Francisco, em Bagno Regio, Itália. Em 1243 recebeu se hábito Franciscano, passando a se chamar Frei Boa Ventura. Tornou-se brilhante após sua formação, e

subiu vários degraus dentro da Ordem até mestre regente (1255-1256). No ano de 1257 foi eleito Ministro Geral da Ordem. Nomeado Cardeal Bispo de Albano em 1273 e dirigiu a Ordem até 1274. No mesmo ano encontrou-se em plena atividade no Concílio de Lião, que se ocupava do problema da união com a Igreja Oriental, quando adoeceu e faleceu em 14 de julho durante o Concílio e foi canonizado no ano de 1482. Frei Boaventura escreveu uma biografia de São Francisco definitiva e oficial, mandou que todas as outras biografias anteriores fossem recolhidas nos conventos franciscanos ou mosteiros de outras Ordens e fossem destruídas. A justificativa, era que a nova "Legenda", estava baseada em depoimentos dos companheiros de São Francisco, que ainda estavam vivos e que conheciam a veracidade dos fatos.

O próximo portal que abrirei será a tentativa de reacionar o *Theatrum Pictorium* de Teniers e o interno da Igreja de São Francisco de Assis em Ouro Preto, onde os doutores da Igreja e seus fundamentos e textos escolásticos criaram uma origem do pensamento visual e histórico, baseados na interpretação e tradução de imagens (Teniers) e textos (São Boaventura), tendo como local memorável a Igreja.

#### Referências bibliográficas

- Almeida, Milton José de: O Teatro da Memória de Giulio Camillo. Editora da Unicamp -Ateliê Editorial Campinas/São Paulo.
- Alpers, Svetlana: L'officina di Rembrandt. Einaudi, 2006.
- Della Porta, Giovan Battista: Lê Zifere o della scrittua segreta. A cura di Raffaele Lucariello. Filema edizioni. Napoli, 1996.
- Barthes, Roland: Arcimboldo. Abscondita SRL. Milano, 2005.
- Ginsburg, Carlo: Il filo e le tracce: Vero, Falso e finto. Feltrinelli, Milano, 2006.
- \_\_\_\_\_. Olhos de Madeira: Nove reflexões sobre a distância. Companhia das Letras, São Paulo, 2001.
- \_\_\_\_\_. Relações de Força: História, Retórica e Prova. Companhia das Letras, São Paulo, 2002.
- Ginsburg, Natalia: E difficile parlare da se. Einaudi, 2005.
- Il Libro Ritrovato: Archimede e Piero della Francesca. Catalogo della Galleria Cívica D'Arte Contemporânea Montevergini. Silvana Editoriali Spa. Milano, 2006.
- Nancy, Jean Luc: Visitazione (della pittura cristiana). A cura di Alfonso Cariolato e Federico Ferrari. Abscondita Srl. Milano, 2002.
- Mello, Celina Maria Moreira de: A Literatura Francesa e a Pintura: Ensaio Crítico. Viveiros de Castro Editora Ltda. Rio de Janeiro, 2004.
- Satué, Enric: Aldo Manuzio: Editor. Tipógrafo. Livreiro. Ateliê Editorial, São Paulo, 2004.
- Settis, Salvatore: La "Tempesta" interpretata. Giorgione, i committenti, il soggetto. Einaudi, Torino, 1978.
- Turco, Angelo(a cura di): Paesaggio: Pratiche, Linguaggi, Mond. Edizioni Diabasis, Reggio Emilia, 2002.
- Weinrich, Harald: Lete, Arte e Crítica do Esquecimento. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2001.
- Yates, Francis A.: L'Arte della Memória. Enaudi Tascabili. Torino, 1993.